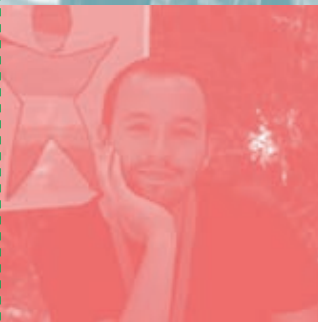


pão e cravos

jornal dxs jovens do bloco
n.º7 Novembro/Dezembro 2016



Editorial
**O NOVO
PÃO E CRAVOS**

Contra a chantagem da Europa,
mais movimento estudantil
Coordenadora Nacional de Jovens



Desobediência civil:
a estratégia e a filosofia
Irina Castro

Cria'ctividade na alternativa à praxe
Diogo Carvalho



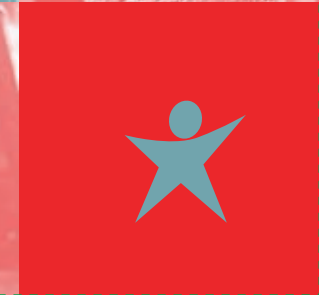
"Choque de civilizações",
"valores ocidentais" e outros
mitos contra as mulheres
Beatriz Arnedo e Ana Martins

Peniche livre de petróleo:
Ricardo Vicente entrevistado por
Xavier Gaspar



LIBERDADE 2016

Mais um ano de
festa e resistência!
Catarina Alves
Sara Azul



ÍNDICE

página 3 // Contra a chantagem da Europa,
mais movimento estudantil
página 4 // Liberdade 2016:
mais um ano de festa e resistência
página 5 // Desobediência civil:
estratégia e filosofia
página 6 // Cria'ctividade na alternativa
à praxe
página 7 // "Choque de civilizações",
"valores ocidentais" e outros
mitos contra as mulheres

página 8 // Petróleo em Portugal:
o que nos espera
(entrevista a Ricardo Vicente)
página 9 // Breves
página 10 // Crítica de cinema "E se
começássemos Amanhã?"
página 11 // Crítica musical
"Mulher do Fim do Mundo"
// Agenda cultural
// Agenda política
página 12 // Cartoon

EDITORIAL

Lançado em Setembro de 2015, durante o Fórum Socialismo desse ano, e em vésperas de campanha eleitoral para as legislativas, o jornal dos jovens do Bloco nasceu de uma aspiração - meritória e de base - de criação de um novo meio de comunicação e partilha. Inspiradas pelo slogan político e canção Pão e Rosas, tornada hino de luta na grande greve das trabalhadoras da indústria têxtil de Massachusetts, em 1912, baptizámos este jornal de Pão e Cravos, aludindo à nossa revolução de Abril. Desde o início, a equipa original que pôs de pé e coordenou o Pão e Cravos - a Isabel Pires, o Ricardo Cabral Fernandes, o Tomás Nunes, o Samuel Cardoso - soube imprimir no jornal a discussão e a partilha de ideias que caracterizam o Bloco e a sua pluralidade. Compreenderam que o que fazia falta era mais que um meio de transmissão de informações e posições oficiais e acabadas. Fazia falta um meio de partilha de ideias, de questionamentos; que fosse capaz de mobilizar e interpelar leitorxs, mais que informar. Compreenderam que a importância de valorizar o papel e de não nos contentarmos com os formatos digitais se prendia com um facto fundamental: as ideias e opiniões impressas circulam, se alguém as fizer circular. E se o jornal chegou à minha ou à tua faculdade, chegámos nós também; se ele interpelou algum jovem ou menos jovem, esse alguém foi pessoalmente abordado por uma de nós.

Um ano de Pão e Cravos teve o efeito, como é seu feitio, de nos interpelar a nós também, jovens do Bloco, a fazer um balanço crítico e construtivo sobre o nosso jornal. O Pão e Cravos renovado, que agora lançamos, responde a todos os seus propósitos originais e dá corpo ao espírito irrequieto e desas-

sossegado de quem procura sempre fazer melhor e chegar a mais jovens. Este Pão e Cravos inclui conteúdos novos como agenda e crítica de iniciativas e produções culturais e artísticas; uma secção de breves, onde se abre espaço para a partilha das lutas e movimentos em que os jovens se envolvem pelo país afora; ou a estreia no formato de entrevista, com um activista envolvido no movimento *Peniche Livre de Petróleo*, cuja causa se integra num debate central em torno da nossa relação com o mundo, a natureza e os modelos sustentáveis de desenvolvimento económico que exigimos do nosso futuro colectivo. Não faltarão as discussões sobre os grandes temas de hoje e de sempre, nacionais e internacionais. O que esperamos deste Pão e Cravos é que seja mais atractivo e para mais pessoas, que seja mais mobilizador e que dê muito mais eco às lutas e contestações diversas que, como é nosso dever revolucionário, procuramos pensar em diálogo e intersecção. A equipa editorial renovada do Pão e Cravos corresponde a critérios transparentes e definidos a partir dos debates fraternos e amplamente participados que dedicámos aos meios de comunicação dos Jovens do Bloco. Procurámos uma equipa mais diversa, nas identidades de género ou regiões de residência, mas também nas áreas de interesse ou nos contributos que cada pessoa é capaz de oferecer. Assumimos, a partir deste número 7 do Pão e Cravos, o compromisso de trabalhar por fazer crescer este jornal que nos faz crescer a nós também, à semelhança do operário que faz a coisa e da coisa que faz o operário, no poema de Vinícius de Moraes.

CONTRA A CHANTAGEM DA EUROPA, MAIS MOVIMENTO ESTUDANTIL

1. Apesar das últimas eleições legislativas se terem traduzido num novo ciclo político, de parcial devolução de rendimentos e de travagem da austeridade, esse novo ciclo não chegou às instituições do ensino superior.

2. Pese embora o forte desinvestimento no ensino superior, o movimento social estudantil tem estado adormecido desde o início da década, e foi incapaz de combater o acentuar do abandono estudantil e do empobrecimento dos estudantes.

3. O início deste ano letivo é acompanhado pela discussão do Orçamento de Estado (OE) 2017, que está e continuará a ser marcada por uma chantagem constante das instituições europeias, que pretendem recolocar Portugal num caminho de recessão, de crescimento da selvajaria no mercado de trabalho e de privatização do ensino superior e

Portugal continua a ter propinas proibitivas e uma ação social anorética

restantes serviços públicos.

4. A agenda da privatização do ensino superior ataca hoje os estabelecimentos de ensino, velada na mudança do modelo de gestão dos estabelecimentos de ensino superior. O modelo fundacional, que faz das universidades e politécnicos instituições públicas de direito privado, desresponsabiliza o estado e permitiu-o deixar-se substituir por empresas como a Sonae ou o Santander na gestão e financiamaneto do ensino superior.

5. Portugal continua a ter propinas proibitivas e uma ação social anorética. A propina de licenciatura que pagamos é a terceira mais cara da Europa, e 40% das bolsas de ação social são inferiores a 100€ por mês

6. Pela primeira vez ao fim de duas décadas, há nuances de que a praxe pode perder a hegemonia sobre o espaço da chamada «vivência académica». Por várias faculdades têm surgido modelos alternativos que recebem os novos alunos e constroem uma integração onde a humilhação e a violência ficam de fora.

7. É importante que os e as aderentes e ativistas do Bloco de Esquerda estudantes no ensino superior desenvolvam esforços, neste início de ano letivo, em torno da criação de mais organização e movimentos nas universidades e politécnicos. A nossa organização com colegas, em torno de causas como o fim das propinas e por mais ação social, por mais financiamento do ensino superior e contra o modelo fundacional é central para reavivarmos o movimento estudantil, para ganharmos capacidade reivindicativa, e para que sejamos nós a condicionar a discussão do OE 2017 e não as instituições europeias. Experiências de camaradas nossos/as, que recusaram o conformismo de discutir política sempre uns com os outros nos seus espaços de conforto, e partiram para a disputa dos espaços democráticos das escolas e faculdades, criando e dinamizando coletivos, listas e direções de associações de estudantes, movimentos alargados por uma alternativa à praxe ou contra o modelo fundacional, são experiências valiosas que nos mostram como disputar maiorias nas faculdades é possível e pode ter grandes resultados para a luta social. Criar e promover movimentos é uma prioridade partilhada, que pretendemos fomentar e apoiar tanto quanto possível, não descurando dos contextos, particularidades e diversidades que os caracterizam e enriquecem o ativismo estudantil e social.

*Resolução Política da Coordenadora Nacional de Jovens
Setembro 2016*

LIBERDADE 2016: MAIS UM ANO DE FESTA E RESISTÊNCIA

Catarina Alves // Sara Azul

O Liberdade é um espaço de política, cultura, de progresso social e reflexão. Podemos encontrar críticas à austeridade, ao neoliberalismo, ao capitalismo, mas também pensar e discutir as questões queer, feministas, o ecossocialismo, a religião e o movimento estudantil. Acima de tudo, é um espaço onde procuramos conjugar o quotidiano com a teoria, as artes com as ciências, a maioria com a minoria. Ninguém é deixado de fora e fomenta-se a discussão sobre o que se pode fazer para melhorar a sociedade, procurando instrumentos de construção de um mundo mais justo e solidário. Afinal, é isso que nos propomos a viver durante este acampamento e é essa a luta que nos une.

No acampamento Liberdade, cada um e cada uma tem a oportunidade de participar tanto na logística como no plano intelectual e social, contribuindo com ideias e experiências próprias, mas também com uma mãozinha no bar ou nas limpezas. Repensamos o todo como um colectivo e não como uma soma de indivíduos, sem diluir a identidade de cada pessoa. É este equilíbrio que permite que haja energia para construir projectos em conjunto sem pôr em causa as opiniões próprias de cada participante. É também este equilíbrio que se sente no modelo dos debates, onde é impossível que alguém não se reveja no espírito colectivo, mas também impossível que surjam duas observações iguais. Mas não é só no plano intelectual que se sente o contributo do Liberdade em nós. É também nas conversas à beira da tenda, nas novas pessoas que se conhecem, nos banhos de sol, que se respira o progresso que este acampamento quer trazer ao mundo. A liberdade para nos vestirmos como quisermos, para

descontrairmos, para desconstruirmos preconceitos são também elementos essenciais. E não faltam oportunidades para se pôr em causa as normas que toda a vida nos amarraram.

O Acampamento Liberdade 2016 teve a particularidade de já não ser marcado apenas por debates de resistência à política austera de direita, mas, à luz da nova realidade parlamentar, de abrir uma janela de discussões e possibilidades de políticas concretas para um futuro com mais direitos.

O programa deste ano contou com debates, espaços permanentes de partilha, espaços de pensamento crítico e festas temáticas, todos eles marcados pela abertura de pensamento a que o Liberdade nos tem vindo a habituar ao longo dos anos. Os três espaços permanentes (queer, feminista e ecologista) foram particularmente activos, tendo essa participação produzido resultados claros na vivência diária no acampamento, inclusive através de exposições das reflexões neles feitas.

Como gostamos de reforçar, "no mundo ninguém é estrangeiro", e esta ideia ficou também presente na escolha temática dos debates, entre os quais contamos com o Brexit – Há futuro na Europa (com José Gusmão e Ricardo Gouveia), Brasil - não vai ter Golpe? (com Beatriz Moreira e Fernando João), Angola - Quem é o MPLA? (com Timóteo Macedo e Beatriz Arnedo) e Sul Preguiçoso ou Euro disfuncional (com Hanna-Marilla Zidan, convidada da Aliança de Esquerda Finlandesa, e Samuel Cardoso). A par destes, contámos ainda com temas que acreditamos que devem fazer parte duma reflexão de uma esquerda actual e sem medos, espelhados em debates como Religião e Esquerda (com João Rodrigues e António Marujo) e Houve mesmo descobrimentos? - A história alternativa da expansão portuguesa (com Bruno Góis e Carlos Almeida).

E porque nem todos os momentos de reflexão devem ficar restritos aos modelos convencionais, pudemos contar com workshops como o de Desobediência Civil, de massagens, de Teatro do Oprimido, entre outros. Conscientes da importância em criar momentos que nos possibilitem, a nós jovens, uma maior ligação e compreensão dos problemas que nos são mais próximos, realizámos debates como Propinas para quê e para quem? (com Luís Monteiro e Sandra Monteiro), Empreendedorismo é a solução para a crise? (com Adriano Campos), Como desintegrar a praxe (com quem?) e espaços de pensamento crítico nos quais reflectimos, a título de exemplo, sobre o Direito ao trabalho ou direito à preguiça (com José Soeiro). As noites foram preenchidas com conversas em torno da mesa de jantar, com ciclos de cinema e festa temáticas, entre elas a internacionalista, a feminis-



ta, onde todos os pensamentos e atitudes machistas ficam à porta, e a tão aguardada festa queer, que, com auxílio do trabalho desenvolvido no respectivo espaço permanentemente, é garantidamente um dos momentos de maior acolhimento, desconstrução e quebra de preconceitos que este acampamento nos proporciona. Nem estas animadas noites nos impediram, porém, de acordar para manhãs igualmente cheias, em que pudemos ouvir a Catarina Martins falar de "Um partido que é um movimento", a Mariana Mortágua dos "Donos Disto Tudo" e a Catarina Príncipe de "Que mundo queremos construir?".

DESOBEDIÊNCIA CIVIL: ESTRATÉGIA E FILOSOFIA

Irina Castro

Quando obedecer é um dever e não uma escolha, a desobediência torna-se uma necessidade. Ao longo da história são vários os momentos, movimentos e pessoas que protagonizaram a materialização do conceito de desobediência, ao ponto de hoje o podermos definir tanto enquanto estratégia como enquanto filosofia. Mais concretamente, o conceito de desobediência, e em particular a ação coletiva de desobedecer, surge enquanto filosofia pelas mãos do pensador norte-americano Henry David Thoreau, que em 1849 ensaia a defesa da desobediência enquanto filosofia face à doutrina do Estados Unidos da América do Destino Manifesto, ou seja, a crença que os Estados Unidos da América foram eleitos por Deus enquanto protagonistas da expansão da ideia de civilização. Inspirado no ensaio do francês Etienne de la Boétie "Discurso da Servidão Voluntária" (1576), Thoreau recupera a discussão sobre o conflito existente entre legitimidade e legalidade, expondo que a concordância entre ambas é apenas uma farsa promovida pelos agentes do poder. Em boa verdade, uma ação legítima não tem de ser legal, bem como a legalidade não

Quando obedecer é um dever e não uma escolha, a desobediência torna-se uma necessidade

é sempre legítima. É com base na exposição desta falsa concordância que Thoreau cria assim o conceito de desobediência civil enquanto ética de vida. Para Thoreau, é obrigação moral dos indivíduos tudo fazer para acabar com as injustiças promovidas pela falsa concordância entre legalidade e legitimidade utilizada pelos governantes no sentido de nos impedirem de decidir sobre a vida política coletiva. Apesar da sua

O Liberdade 2016, à semelhança dos outros anos, trouxe a política para uma esfera mais íntima das nossas vidas e abriu horizontes para nos relacionarmos com um mundo sobre o qual podemos activamente pensar e (re)construir. Foi mais um ano de festa e resistência, mais um ano a provar que a política não se faz de fato e gravata, em gabinetes fechados em assembleias e ministérios - política foi, uma vez mais, para centenas de jovens, reflectir o mundo, partilhar ideias e agir colectivamente.

importância, os ensaios de Thoreau sobre a desobediência caíam sempre sobre uma ética individual que procurava a coerência pessoal, e não obrigatoriamente na transformação da realidade coletiva. Seria apenas com Tolstoi que a ação individual passaria a estabelecer-se, com sentido político revolucionário, como um meio de transformação da realidade. Atualmente as teorias e práticas da desobediência civil são múltiplas, e crescem à medida que novos desafios e injustiças se impõem às sociedades ou às pessoas, de forma coletiva ou individual. A história demonstra-nos que para cada teoria, ou forma de exercício de poder, existe paralelamente uma filosofia ou uma estratégia de desobediência. É por isso que hoje em dia é difícil encontrar uma teoria geral de desobediência, sendo mais comum encontrarmos reflexões históricas e compilações de estratégias resultantes de ações concretas. Um exemplo é a obra do contemporâneo norte-americano Gene Sharp, "The Politics of Non Violent Action" (1973). Concordando ou não com o princípio teórico de Sharp, de que o poder dos governantes deriva do consentimento dos governados, a sua obra é essencialmente uma das mais completas no que diz respeito à compilação de estratégias, ilustradas por experiências históricas concretas. Paralelamente, Sharp debruça-se ainda sobre os problemas concretos da organização das ações de desobediência civil, nomeadamente sobre os riscos e os medos existentes, bem como sobre as solidariedades necessárias para o desenho de uma estratégia de desobediência. Surgem assim importantes debates a se ter em conta quando se prepara uma ação de desobediência civil. Foi aliás, este o objetivo do workshop permanente que teve lugar este ano no Liberdade, o acampamento de jovens organizado pelo Bloco. É a nossa ação individual ou coletiva? É não-violenta, violenta ou poderá exercer formas de violência não previstas? Pretendemos uma estratégia de colaboração ou não-colaboração? Que riscos corremos? Como garantimos a nossa integridade física, ou não garantimos? Foram algumas das questões de debatemos durante o acampamento. Mas acima de tudo, as discussões e as estratégias ensaiadas no Liberdade tiveram sempre presente o conflito aberto por Thoreau sobre a legitimidade e a legalidade, e sobre estas manteremos a discussão.

CRIA'CTIVIDADE NA ALTERNATIVA À PRAXE

Diogo Carvalho

Como é habitual, juntxs conversamos horas a fio à mesa sobre o que é melhor para x estudante e para o nosso mundo. Assim, no meio de tanta conversa, surge o Cria'ctividade porque sentimos a necessidade que existisse uma alternativa à praxe na Universidade de Coimbra, onde ela tem uma hegemonia muito grande. Uma das únicas alternativas à praxe até então existentes era proporcionada nas Repúblicas de Coimbra, espaços que apelam à vida comunitária. Assim, juntaram-se a elas grupos de estudantes de várias entidades coletivas e individuais, entre elas, Secções da AAC, Organismos Autónomos e Associações Culturais da cidade.

"A praxe é hierárquica, é machista, é sexista. São características intrínsecas à praxe da UC e quando isso deixar de existir, deixa de ser a praxe da uc". Ora se o Cria'ctividade, uma iniciativa alternativa de integração dxs estudantes em Coimbra, acredita num mundo sem hierarquias e sem submissões, então não podemos estar mais em desacordo com esta frase do Dux Veteranorum da Universidade de Coimbra, João Luís Jesus.

Assim, sentimos a necessidade de criar uma alternativa de integração que oferecesse a todxs uma oportunidade justa de criar laços não só uns com os outros mas com o espaço a que vão chamar de



casa, Coimbra. O Cria'ctividade não é um espaço anti-praxe, mas sim um lugar de inclusão e abertura que oferece uma experiência sem hierarquias, opressões, submissões, sexismos, homofobismos, xenofobismos e todos esses ismos. É um lugar aberto a todxs, de todxs, estudantes que tenham ou não participado na praxe, estudantes que são a favor ou contra a praxe, mas também professores e cidadãos e cidadãs da cidade. Opomo-nos à exclusão, promovemos a inclusão de toda a comunidade Conimbricense. Este ano, na nossa 3ª edição do Cria'ctividade, programámos concertos, dança, cinema, debates, feiras, jantares comunitários, desporto, workshops e outras actividades que se estenderam ao longo de três semanas. Se pudéssemos aumentávamos o tempo, mais longas as horas, mais longos os dias. Tivéssemos mais tempo, maiores seriam as oportunidades para partilharmos a realidade em que acreditamos de diversidade e variedade existentes na cidade e no mundo, e que nem sempre são dadas a conhecer por quem já cá vive, aos que cá chegam e aos que por cá já andam.

**João Luis Jesus, Dux Veteranorum da Universidade de Coimbra in Jornal a Cabra, 17 de Abril de 2012.*

“CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES”, “VALORES OCIDENTAIS” E OUTROS MITOS CONTRA AS MULHERES

Beatriz Arnedo // Ana Martins

Os atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gémeas ficaram para a história como uma tragédia que matou milhares de pessoas. No entanto, as consequências dos ataques não se deixaram ficar no passado, como apenas mais um episódio infeliz da História da Humanidade. Este ato terrorista, em particular, foi utilizado pelo governo de Bush para cimentar a ideia xenófoba de que as diferenças culturais entre “Ocidente” e “Oriente” seriam demasia-

do profundas para que a coexistência fosse possível sem ocorrer um “choque de civilizações”, ideia que foi central na justificação da guerra do Iraque. A tragédia foi assim o marco mais evidente de uma campanha de difusão da posição intolerante de que existe um “eles” tão fundamentalmente diferente e ameaçador para o nosso “estilo de vida ocidental”, aparentemente coeso e homogéneo, que o recurso à violência era não só compreensível como necessário. Os ataques às Torres Gémeas foram atribuídos a um grupo de fundamentalistas islâmicos pertencentes à Al Qaeda. Os discursos extremistas da direita

conservadora, com base nesta ideia de choque de civilizações, conseguiram, aproveitando-se do medo que um atentado de tal dimensão suscitou, tornar comum a ideia de que Islão é sinónimo de terrorismo. Tão comum que a grande maioria das representações de pessoas muçulmanas ou árabes (o primeiro é um grupo religioso e o segundo um grupo étnico, muito embora sejam vulgarmente utilizados como sinónimos) nos média, na publicidade, na televisão e no cinema, sejam a de um homem de pele escura, turbante, barba e cabelo compridos, ou a de uma mulher de burka (um de vários tipos de véus utilizados por algumas crenças da religião islâmica). O surgimento do Daesh, o autodenominado Estado Islâmico, acontece no seguimento de décadas de perseguição e de ataques racistas e islamófobos. Foi, inclusive, fruto da própria lógica que o governo

Quer as mulheres se tapem ou não, parece que vamos estar sempre a pedi-las.

de Bush utilizou para legitimar a invasão e a discriminação racial e religiosa: a ideia de que duas civilizações opostas se encontram em guerra. Há algumas semanas, uma mulher de burka foi baleada com cinco tiros, em Pantin, França. A polícia informou que o atirador se aproximou do carro, atirou sobre a mulher e fugiu. Este crime é apenas mais um entre os que ocorrem todos os dias. É desta forma que o discurso xenófobo e islamófobo está a vencer: ao utilizar o medo e o ódio que surgem após situações de conflito, como atentados ou crimes de ódio, para justificar políticas de segregação, discriminação e por vezes perseguição de grupos étnicos específicos. Cada morte de um dos lados é usada como justificação para a morte seguinte do outro lado.

Para grande parte de nós, parece ser mais fácil perpetuar a ideia de que diferenças culturais são suficientes para impedir o diálogo e a convivência pacífica. Citar o Alcorão em vez da Bíblia; rezar virados para Meca e não na Igreja, em frente ao crucifixo; usar burka em vez de minissaia, quantas destas práticas podem ser utilizadas para tirar ilações sobre a personalidade de uma pessoa? Mas quantas vemos ser usadas para caracterizar quem as pratica, como fundamentalista, conservador, intolerante ou apologista da violência? Na questão das mulheres muçulmanas, o estereótipo consegue ainda ganhar um cariz dicotómico. A mulher veste burka? Então é terrorista ou é simplesmente submissa. As potências ocidentais continuam a agir com tamanha arrogância que pretendem ditar os padrões pelos quais o mundo se deve reger. Há

alguns anos, França decretou a proibição do uso da burka em locais públicos, multando as mulheres que se recusaram a acatar tal exigência. Este verão, uma mulher muçulmana, numa praia em Nice, foi obrigada a retirar-se pela polícia municipal, por estar a usar um burkini – um fato de banho que cobre o corpo inteiro, inclusive a cabeça, e que permite às mulheres que, por razões religiosas, culturais ou outra razão qualquer, ir à praia expondo uma parte muito reduzida do seu corpo. Este episódio foi um ataque vergonhoso à liberdade individual. Alguns comentários nas redes sociais chegaram a usar a luta feminista como argumento para criticar o uso da burka e do véu, afirmando que impedir o seu uso era salvar as mulheres muçulmanas de uma cultura de submissão. Ignorar que o uso do véu poderá ser a vontade de uma mulher muçulmana é, mais do que um abuso de superioridade moral, uma incapacidade em compreender como funciona a roupa enquanto código cultural. Como bem lembra Lila Abu-Lughod, nenhum de nós se sentiria confortável em ir de calções para a ópera. Mais, é ignorar também os casos em que, na nossa própria cultura, o véu também é usado com fins religiosos, como prática da mesma modéstia que as mulheres muçulmanas evocam quando se cobrem (por exemplo, o véu de uma freira, o lenço do traje minhoto ou mesmo o véu da noiva na grande generalidade dos casamentos). Por outro lado, é também atribuir um papel central na construção da identidade da mulher muçulmana que a roupa, simplesmente, não tem. Por muito que seja o reflexo de uma cultura misógina e patriarcal, a proibição da burka ou do véu não irá afetar as dinâmicas de poder que estão na sua origem.

Ficamos aquém de perceber a ironia de obrigar, punir e humilhar com o intuito de libertar. Mas importa lembrar também que o problema não se fica por interferir com o que nos é diferente, que a cultura patriarcal e machista não é exclusiva dos “não ocidentais”. Que se, por um lado, uma mulher usar burka a “torna” submissa, por outro, usar minissaia ou decote parece ser razão suficiente para a rotular de vadia ou destravada. E este é mais um exemplo de como as diferenças culturais não implicam diferenças “de fundo”: quer as mulheres se tapem ou não, parece que vamos estar sempre a pedi-las.



PETRÓLEO EM PORTUGAL, O QUE NOS ESPERA?

Xavier Gaspar entrevista Ricardo Vicente

Concessões de direitos de Prospecção, Pesquisa, Desenvolvimento, Produção de Petróleo em terra e no mar assinadas em Portugal. O que vem aí? O que pode fazer a cidadania quanto a estes contratos? Entrevistamos Ricardo Vicente, membro do movimento "Peniche Livre de Petróleo" que nos irá expor a situação actual da exploração em Portugal.

Em que estado está actualmente a prospecção/exploração de petróleo no oeste litoral, nomeadamente em Peniche?

Após décadas de trabalhos de pesquisa e prospecção de petróleo que ocorreram em Portugal e que nunca suscitaram nenhuma actividade extractiva, em 2007 foram assinados 12 contratos de concessão de direitos de prospecção, pesquisa, desenvolvimento e produção de petróleo em terra e no mar, 4 deles na bacia de Peniche, estendendo-se do mar de Lisboa ao Porto. Já foram realizados vários trabalhos de prospecção. Em 2015 deu-se a renovação dos contratos e actualmente, no mar, opera o consórcio Repsol / Kosmos / Galp / Partex. Surgiram também 2 novos contratos onshore, com a Australis, que vão das Caldas da Rainha a Soure. Esta faixa litoral é a região do país onde ocorreram mais trabalhos de prospecção. A empresa Australis, possuidora da concessão em terra, foi criada propositadamente para assinar estes contratos e não tem qualquer estrutura para garantir esta actividade. Não é caso único, no Algarve o Sousa Cintra também não tem. Ainda não ocorreu em Portugal qualquer actividade produtiva, mas os contratos são de produção e as concessões são superiores a 50 anos. Este é o momento ideal para travar este negócio que é um desastre para o país.

Quem são os principais promotores da exploração?

Além das empresas possuidoras de concessões, muitas das entidades e personalidades envolvidas poderão ter algo a ganhar que desconhecemos, do ministro do ambiente Jorge Moreira da Silva, do anterior governo (que assinou os contratos a poucos dias de sair), ao ministro atual, Matos Fernandes, passando pelos secretários de Estado e autarcas que não têm coragem de se pronunciar a este respeito.

Quais são as potenciais vantagens e riscos de um projecto como este?

No quadro atual não existem vantagens, porque foi tudo oferecido às leis do mercado e ao desbarato (a renda contratualizada com o Estado português é de 15€ / km². Na Noruega são 3.647€ /km², além dos royalties, que na noruega são 78% da produção e em Portugal o máximo previsto é 8%). Eventualmente poderiam existir vantagens com uma política completamente diferente, mas seriam todas de curto prazo, economicistas, e endividariam o nosso futuro. Os riscos são imensos: destruição da pesca, do turismo, da restauração e de todas as atividades territoriais costeiras. Mas não é necessário esperar pelos desastres mediáticos, há muita poluição invisível. Todo o trabalho de prospecção já realizado no mar, teve custos desconhecidos para os pescadores e para a vida marinha. Em terra, das Caldas da Rainha a Soure, os contratos realizados prevêem a possibilidade de produção de óleo e gás de xisto, através de fractura hidráulica ("fracking").

O que planeia fazer este movimento agora?

O Movimento Peniche Livre de Petróleo está neste momento com uma campanha peticionária em curso, para levar à Assembleia da República, pela voz dos cidadãos, um apelo ao cancelamento dos contratos de prospecção e produção de petróleo em toda a faixa litoral Lisboa – Porto. No decorrer desta campanha, pretendemos realizar sessões de esclarecimento, apresentar a nossa petição e apelar ao surgimento de novos movimentos e à participação das organizações locais. Estamos também a iniciar algum trabalho de articulação com todas as organizações que têm vindo a contestar este caminho, em especial no Algarve, e observamos com interesse os movimentos internacionais. O movimento "Peniche Livre de Petróleo" é criado em Julho de 2016 com o objetivo de lutar contra a exploração de petróleo em Peniche e no arquipélago das Berlengas.



BREVES



Tenda ativista em Leiria

1. O Bloco de Esquerda de Leiria promoveu, entre 9 e 11 de setembro, o acampamento distrital de jovens, "Tenda Ativista". Debates sobre precariedade, educação, eco-socialismo e a crise europeia, bem como workshops de stencil e técnicas de compostagem, preencheram o fim de semana, que acabou com a sardinhada anual na Lagoa de Óbidos.

Ricardo Vicente, activista do Movimento Peniche Livre de Petróleo, convidado pelos Jovens de Leiria a intervir no Tenda Ativista.

Manif Fechar Almaraz

2. No dia 24 de setembro camaras e cidadã(o)s de Castelo Branco, Portalegre e Santarém marcharam contra a poluição do rio Tejo e pelo desmantelamento da central nuclear de Almaraz. O protesto percorreu estes distritos, alertando para a importância da preservação dos ecossistemas e atividades económicas associadas ao Tejo, e de um desenvolvimento ecológica e sustentável para o país.

Jardins Efémeros

3. Durante os primeiros 10 dias de julho, em simultâneo com o festival 'Jardins Efémeros', Viseu encheu-se de cultura numa iniciativa promovida pelo Bloco de Esquerda do distrito. Entre concertos, debates, palestras, recitais de poesia, espetáculos de dança contemporânea e uma exposição coletiva, a "Sementeira" fez-se de arte e política, ensaiando um mundo novo naquela cidade.

Debate em Famalicão

4. Dia 30 de setembro o Bloco de Esquerda de Famalicão promoveu uma conversa em Joane que juntou vários/as jovens do concelho para conversar sobre precariedade. A sessão, que contou com a participação do José Soeiro, deputado do Bloco à Assembleia da República, abordou as principais dimensões do trabalho sem direitos e apontou formas de transformar a nossa revolta em ativismo.

E SE COMEÇÁSSEMOS «AMANHÃ» ?

Crítica de cinema por João Mineiro

AMANHÃ (2015)

Título original: *Demain*

De: Cyril Dion e Mélanie Laurent

Gênero: *Documentário*



Se analisarmos os filmes que se têm realizado nos últimos anos onde é ficcionado o futuro da humanidade, constatamos que em quase todos, as imagens que se produzem sobre futuro são as imagens do caos, da destruição e da extinção. Essas representações cinematográficas refletem os imaginários sociais e coletivos que a humanidade tem sobre o seu futuro, contribuindo de alguma forma para os confirmar através da produção de representações ficcionadas. Cansados destas representações de sentido único, Cyril Dion e Mélanie Laurent decidiram correr o mundo à procura de outros indícios, de outras práticas e de outras experiências que nos mostrem que o futuro da humanidade não tem de estar condenado à destruição e ao caos. Assim, decidiram filmar alternativas que se desenvolvem pelo mundo fora e que procuram ensaiar respostas individuais e coletivas à destruição acelerada do planeta, às injustiças do sistema económico-financeiro, à irresponsabilidade das sociedades dos hiper-consumos e à pobreza dos sistemas políticos que monopolizam, centralizam e vedam a capacidade das pessoas decidirem o seu futuro coletivo.

O resultado desta procura é impressionante. Cyril Dion e Mélanie Laurent mostram-nos milhares de pessoas que se organizam para experimentar alternativas ao atual modelo de produção capitalista, de consumo e destruição ambiental, procurando formas de alimentação e de consumos responsáveis, modos de produção de energia limpa e de aproveit-

amento de recursos, sistemas mais justos de trocas monetárias e de organização da economia, métodos educativos mais inclusivos e formas de organização da política mais horizontais e democráticas. São dezenas de experiências, que não posso detalhar, mas que vale mesmo a pena conhecer vendo o documentário.

Sabemos que o modo de produção capitalista, baseado na sobreexploração de recursos, é incompatível com a salvação do planeta e com a justiça social e climática. Como diz Daniel Tanuro, é impossível um capitalismo verde. Por isso, apesar deste documentário poder dar a entender que há soluções individuais para o problema, a perspetiva ecosocialista é a que percebe que para além de soluções individuais, a dimensão totalizante do capitalismo exige que tenhamos capacidade e a generosidade de encontrar soluções coletivas, que dêem às sociedades a capacidade de mobilização para lutar por outro sistema económico, ecológico, social e político. Mas também de nada serve ficarmos sentados à espera que o capitalismo acabe. O filme mostra-nos que é urgente começar já a ensaiar as mudanças concretas que o poderão substituir por um outro modelo de sociedade, de economia e de exercício da política. Por isso mesmo, num tempo em que, como refere Fredric Jameson, para a maioria das pessoas o fim do mundo parece bastante mais credível que o fim do capitalismo, dar visibilidade a experiências pós-capitalistas de organização é de uma enorme importância. Ajuda a criar novos imaginários, ampliando desta forma o campo dos possíveis. É mesmo possível mudar a vida e mudar de vida. Há milhares de pessoas a experimentá-lo, porque não é possível adiar mais. É preciso agir e tem de ser agora. E se começássemos amanhã?

MULHER DO FIM DO MUNDO

Crítica musical por Fábio Capinha

Elza Soares, 79 anos, Estrela mítica do samba brasileiro, nascida nas Favelas do Rio, amante de Garrincha até um episódio de violência doméstica. A mulher do fim do mundo é uma prova de vitalidade e provocação de uma artista desde sempre controversa. Neste álbum, o samba confunde-se com rock barulhento, os tambores fazem-nos dançar enquanto as guitarras nos remetem para um universo de vícios, prazer e violência.

Aqui encontramos "Pra Fuder", como se de uma ode ao sexo se tratasse, onde todos os arranjos nos fazem sentir fogo. Uma mulher violentada ameaça o seu marido com água fervente, humilhá-lo em frente à sua mãe, lembrando-o sempre "você vai-se arrepende de levantar a mão para mim", Maria Vila



Matilde é o nome da canção combate. Estes e outros episódios são retratados por Elza Soares num exercício bem conseguido de resiliência e provocação. É um álbum de imagens frenéticas que te farão dançar pensando que são mulheres como Elza que desafiam o patriarcado.

AGENDA

Música

Semibreve - Festival de Música Eletrónica
Braga // 28 a 30 Outubro

Cinema

Doc Lisboa // 20 a 30 de Outubro

Teatro

Moçambique (Mala Voadora)
Viseu // Teatro Viriato // 04 e 05 de Novembro
// 21h30

Dança

Festival Verão Azul-Centro Cultural de Lagos
21h30 // 04 Novembro

Exposições

A Conversa Inacabada: Codificação/Descodificação
// Museu Berardo // 21 de Setembro a 31 de
Dezembro

O Mundo de Charles e Ray Eames // MAAT -
Central Tejo // 05 de Outubro a 09 de Janeiro

Tertúlia/debate "O que se passa com
a fuga de crânios?" // 26 de Outubro

Desobedoc Viseu - Mostra de cinema insubmisso
Viseu // 2 a 5 de Novembro

Manifestação contra as alterações climáticas, a
propósito da COP 22 (Cimeira do Clima em Mar-
raquexe) // 12 Novembro // Local a anunciar

Festival de Artes Sem_título_2016 //
Sociedade Recreativa Operária // Santarém 18
a 19 de Novembro

Tertúlia/debate "O que se passa com o SNS?" //
23 de Novembro

Quiz Climático e festa! Quiz de sensibilização
sobre as alterações climáticas
// Sede Nacional do Bloco (Rua da Palma, 268.
22 Outubro, 21h30) // 22 Outubro // 21h30



ADERE AO BLOCO

Este formulário é uma pré-adesão ao Bloco de Esquerda. Depois de o preencher, serás contactado/a para formalizar a adesão e o pagamento da quota anual (Valor mínimo: 15 euros). (entrega este formulário preenchido numa sede do Bloco)

Nome: (*) _____

Morada: (*) _____

E-mail: (*) _____

Código Postal: (*) _____

Localidade: (*) _____

Telefone / Telemóvel: (*) _____

Data de Nascimento: (dd/mm/aaaa) (*) _____

Emprego / Actividade: _____

País: (*) _____

Ficha Técnica

Equipa Editorial:


Ana Martins
Catarina Alves
Catarina Galego
Daniel Alves da Silva
João Mineiro
Gonçalo Pessa
Ricardo Gouveia
Sara Azul
Tomás Barão

Capa:

Ricardo Gouveia
Catarina Galego
Gonçalo Cabral Ferreira (fotografia)

Sede Nacional do Bloco: Rua da Palma, 268, Lisboa

esquerda.net

 Jovens do Bloco